

# ONDE ESTÃO AS FRONTEIRAS? COMO BRASILEIROS INDOCUMENTADOS EXPERIENCIAM O REGIME DE FRONTEIRAS BRITÂNICAS

*Gustavo Dias\**

*"[f]or some people – all kinds of migrants and people who live along borders – crossing borders is an inescapable feature of life; it is a mode of being in the world" (KHOSRAVI, 2010, p.04).*

## 1 Considerações iniciais acerca da definição de fronteiras

Depois de rapidamente refletir sobre os desafios vividos ao longo de sua mobilidade migratória para a Inglaterra, Robson<sup>1</sup>, um brasileiro de 32 anos e que vivia sem qualquer tipo de visto válido em Londres há mais de 5 anos, pontua: *"Acho que o maior problema na Inglaterra... e que você só entende depois que vive no país... não é entrar, mas ficar! Com um pouco de atenção e preparo, você consegue passar pelo aeroporto. O problema é depois que você entra... A vida aqui dentro é incerta. Nunca sabe o que vai encontrar ao sair na rua"*. Esse jovem brasileiro pensava, particularmente, nas dificuldades impostas pelos agentes migratórios do Home Office<sup>2</sup>. *"A gente nunca sabe onde eles estarão. Podem aparecer a qualquer instante. Não é como no aeroporto, onde os agentes [da imigração] ficam num lugar"*. Segundo Robson, agentes do Home Office têm o hábito de percorrer as ruas de Londres, bem como realizar *blitzes* em locais de trabalho e casas em busca de migrantes indocumentados. Para ele, [...] *"esse é o principal desafio que vivemos diariamente nessa cidade, você não consegue saber onde eles estão. Dá pra ter uma ideia, mas ter precisão não. Isso não dá! Cada dia é um dia. E você pode ser pego a qualquer instante..."*

Através dessa fala, por meio da qual buscava comparar os desafios de se viver no Reino Unido com os dos Estados Unidos<sup>3</sup>, Robson sugeria que o regime de fronteiras britânicas não podia ser compreendido enquanto uma dimensão geográfica, situada em determinada localidade. Sua fala apontava para algo mais incerto ou obscuro. Pautado em sua experiência migratória, esse jovem apresentava sinais de um sistema fronteiriço permeado no tecido urbano de Londres. Em outras palavras, um produto de relações sociais produzidas pela

---

\* Prof. Do Dpto de Sociologia da UNIMONTES

própria mobilidade do migrante através do espaço social londrino. Apesar de bastante revelador, tal relato não era precisamente uma novidade para mim.

Essa informação, coletada através de entrevistas, e também experimentada através da minha convivência, quase que diária, com brasileiros indocumentados, em Londres, ao longo de quase sete anos, vai ao encontro do que acadêmicos especializados em migração e fronteira sugerem. Segundo eles, o mundo globalizado contemporâneo, contraditoriamente, se caracteriza não apenas por maior circularidade de mercadorias, informações e determinados tipos de pessoas, mas, sobretudo, por uma multiplicação de fronteiras (PAPADOPOULOS; STEPHENSON; TSIANOS, 2008; BALIBAR, 2004, 2010; GARELLI, 2012; KHOSRAVI, 2010; MEZZADRA; NEILSON, 2008, 2013; ADEY, 2009; TAZIOLI, 2014; DE GENOVA, 2004, 2013). Tal proliferação de barreiras, segundo Ginette Verstraete (2010) e Fernando Riosmena e Douglas Massey (2012), vem sendo produzida por governos nacionais, através de intenso investimento em tecnologia bélica. O discurso central que sustenta tal política é o da segurança. Segurança essa que tende a oscilar entre medidas de proteção territorial contra eventuais ataques terroristas e a manutenção de uma estabilidade econômica nacional contra “ondas migratórias” originárias em terras arrasadas (MEZZADRA, 2011; VERSTRAETE, 2010; MAGUIRE et. al., 2014).

A literatura revela que a proliferação de fronteiras, no mundo contemporâneo, não deixa mais claro os limites do que pode ser entendido como fronteiras exteriores ou fronteiras interiores (BALIBAR, 2002, 2004, 2010; VILA, 2000). Regimes de fronteiras, portanto, seriam maleáveis. Através de dispositivos tecnológicos (serão explorados ao longo do artigo), são capazes, por exemplo, de percorrer o território interno juntamente com migrantes. A fronteira não estaria reclusa a portos ou aeroportos. Com o intuito de assegurar estabilidade, o sistema de controle fronteiriço se insere território adentro em busca de corpos irregulares.

Nesse sentido, de acordo com Étienne Balibar (2002, 2004, 2010), a fronteira perde sua dimensão física. Ela é móvel e, portanto, difícil de ser detectada ou, até mesmo, definida. Fronteira ganha uma tonalidade obscura. Para ele, o pesquisador que tenta definir o que são fronteiras corre o risco “de caminhar em círculos”, pois o ato de expor o que é uma fronteira é a condição prévia para qualquer definição (2004, p.76, *tradução minha*). Fronteiras passam a ter múltiplos sentidos.

Com o intuito de contribuir para esse debate, que também ganha cada vez mais relevância na academia brasileira, dado a forte presença do Brasil e sua população nas rotas migratórias internacionais, pretendo, nesse artigo, sutilmente deslocar o eixo de reflexão sobre a proliferação e localização de fronteiras contemporâneas. Pautado na afirmação de Balibar, apresentada acima, sairei do campo que busca especular o que seriam fronteiras na atualidade. Apesar destes estudos, majoritariamente, produzidos na Europa e nos Estados Unidos oferecerem reflexões importantes, a polissemia presente no conceito de fronteira os tornam insuficientes e, em alguns casos, abstratos, pois não

nos mostra, de fato, a face dessa força em movimento. Já no caso brasileiro, é possível observar, através da produção científica, como uma parcela considerável dos estudos migratórios tem dedicado uma forte atenção à interpretação de leis e decretos voltados para a população migratória no Brasil. De fato, são estudos importantes (sobretudo no momento atual, em que o protagonismo desmedido do Poder Judiciário, em detrimento à Constituição Federal de 1988, tem feito com que vivamos um sinistro processo de judicialização da vida). Todavia, argumento que esse recorte não é suficiente. Falta-nos vislumbrar a operacionalidade e o diálogo dessas fronteiras com migrantes (DIAS, 2016).

Levando em conta que fronteiras são forças móveis e que estão em constante diálogo com o migrante, defendo que é no ato de mover-se, desse ator social, que podemos compreender onde elas, mesmo que momentaneamente, aparecem. Minha intenção, nesse artigo, portanto, é buscar apoio diretamente na experiência vivida por brasileiros indocumentados em Londres para expor o funcionamento do regime de fronteiras britânicas.

## **2 O ato de mover enquanto forma prática de perceber a fronteira**

Exploro a perspectiva conceitual de que fronteiras são marcadas por uso. Migrantes, nesse caso, são indissociáveis desses espaços sociais. São atores sociais que interagem com regimes de fronteiras e, paradoxalmente, contribuem para o desenvolvimento dos mesmos. Dessa forma, desvinculo-me da perspectiva acadêmica essencialmente voltada ao enfoque macro dado as fronteiras. Esse, para mim, é excessivamente concebido dentro de uma tradição de pensar fronteiras através da lógica de Estado-Nação. Objetivo pensar a fronteira através da mobilidade produzida por brasileiros ao longo de suas jornadas migratórias entre o Alto Paranaíba, em Minas Gerais, e Londres. Acompanhar esses brasileiros nos permite compreender qual a percepção deles acerca das fronteiras contemporâneas e como eles as identificam. Biografia e Mobilidade, ao invés de políticas migratórias, são texturas sociais que meu artigo explora e esses são os elementos que o distingue dos trabalhos citados acima

Utilizo o conceito de jornada desenvolvido por Caroline Knowles, em seu livro “Nas Trilhas de um Chinelo: uma jornada pelas vias secundárias da globalização” (2017). Como a autora salienta, tal conceito

descreve a matriz de ir e vir das pessoas de maneira cartográfica. As jornadas, em outras palavras, desenham os mapas das pessoas, assim como os lugares pelos quais elas passam, fornecendo, portanto, uma maneira de pensar sobre elas a qual incorpora o espaço e o movimento. Trabalhando de baixo para cima, esse movimento são idas e vindas individuais: jornadas diárias, seja ao redor de um bairro, em um local de trabalho ou em uma casa. Às vezes, no caso de

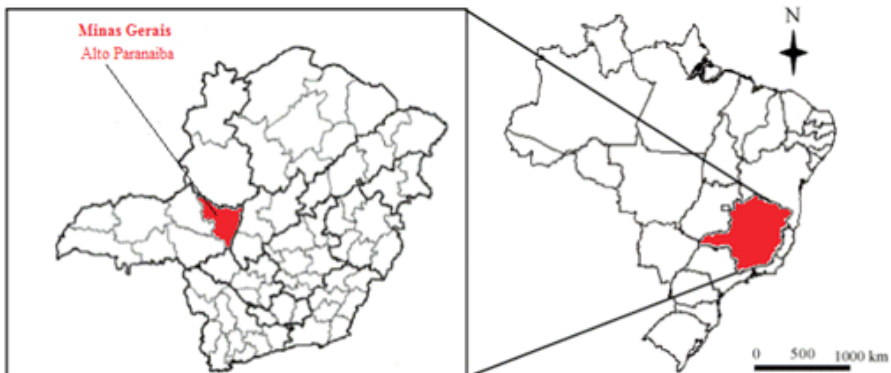
migrantes (internos ou internacionais), jornadas locais são intercaladas com jornadas mais longas, para outros lugares, quer sejam no mesmo país ou em outros países (KNOWLES: 2017, p.27).

Tal perspectiva fornece aos estudos migratórios uma maneira de compreender fronteiras através da *noesis* daqueles que vivem em permanente contato com elas.

Para tal exercício, irei recorrer, exclusivamente, às narrativas produzidas por um grupo de jovens brasileiros indocumentados com quem tive a oportunidade de conviver ao longo de quase sete anos. Em particular, destaco o uso de entrevistas semi-estruturadas e inúmeras conversas informais geradas através de convívio cotidianos. São informações, coletadas de diferentes formas e que são capazes de traçar a jornada migratória desses brasileiros, bem como o regime de fronteiras britânicas se apresentam a eles.

Como dito acima, o grupo explorado neste estudo compreende brasileiros originários do Alto Paranaíba, em Minas Gerais (ver Mapa 1). São jovens adultos, entre 21 e 35 anos de idade, que não emigram essencialmente por motivos econômicos<sup>4</sup>. Em vez disso, ao lado da oportunidade de um trabalho remunerado em libras, meus interlocutores elencam a vontade de viver por um período na Europa e experimentar a vida global que Londres pode lhes proporcionar. Em geral, eles esperam permanecer no Reino Unido de um a sete anos, período o qual eles querem economizar dinheiro para investir em empreendimentos nas suas cidades de origem e, ainda, acessar bens de consumo inacessíveis, segundo eles, no Brasil. Acompanharemos a jornada migratória desses jovens e o contato com as fronteiras logo nos preparativos da viagem. Veremos como eles atravessam por aeroportos e desembarcam em Londres. Por fim, como a vida indocumentada na capital britânica força esses jovens a experienciar, no dia a dia, o regime de fronteiras britânicas.

**Mapa 1** – Localização de Alto Paranaíba em Minas Gerais.



Em conjunto com essas narrativas, pretendo produzir uma síntese das reflexões que foram produzidas em minha tese de doutorado, bem como em quatro artigos científicos, onde explorei a negociação existente entre a mobilidade migratória produzida por esses brasileiros e regimes de fronteiras contemporâneos (SCHROOTEN; SALAZAR; DIAS, 2015; DIAS, 2015, 2016, 2017a). Esse material ulterior, quando posto em linha cronológica de publicação, almeja acompanhar a jornada migratória do grupo investigado. Enquanto os dois primeiros exploram a experiência vivida nos aeroportos da EU e do Reino Unido e a prática de mobilidade desses brasileiros, os dois seguintes revelam como esses brasileiros lidam com as fronteiras móveis que permeiam o tecido social londrino. Aqui, portanto, demonstrarei como esse regime de fronteira se desenvolve de forma conjunta ao longo da jornada produzida por meus interlocutores.

### **3 A fronteira dispersa ao longo da mobilidade aérea**

É setembro de 2012 e estou entrevistando Cláudio, um brasileiro de 26 anos. A entrevista, assim como ocorreu com muitos dos participantes, desenrola em sua casa, no norte de Londres. Pelas entrelinhas, julgo que, nesses espaços, eles se sentiam mais seguros para falar abertamente sobre sua situação indocumentada e os desafios de lidar diariamente com o regime de fronteiras britânicas. Nessa época, Cláudio já havia completado mais de 5 anos em Londres. Desse período, Cláudio portou um visto de turista por apenas 6 meses. Todo o restante ele se encontrava “ilegal” perante as autoridades britânicas<sup>5</sup>. Ao perguntar sobre o tipo de visto utilizado para viajar do Brasil para o Reino Unido, Cláudio demonstra um conhecimento detalhado sobre os diversos tipos de visto existentes para entrar nesse país europeu. Ele sabe também das suas limitações para adquiri-los. Ao longo de sua fala, esse jovem brasileiro explica que, “[...] para entrar [na Inglaterra] tem um monte de vistos para cada situação. Tem visto de trabalho, visto de estudante, visto de turista e assim vai... E eu sei que para pedir um visto de trabalho para o Reino Unido, você precisa ter um monte de requisitos e a carta de um empregador. E lá você tem que trabalhar, a cidade é cara... O visto de estudante exige uma matrícula em alguma escola de inglês e isso é muito caro... bom, eu não tinha esse dinheiro. Então, o que eu devo fazer para entrar no país?! ... Você deve ser rico ou europeu. E esse não é o meu caso”.

Apresentar um visto para o controle migratório, em qualquer aeroporto europeu situado nos trajetos que conectam os aeroportos de São Paulo ou Rio de Janeiro à Londres, “*abre a chance para você ser interrogado, ter sua mala vistoriada e...se bobear, ser deportado*”, completa Cláudio. Logo, o ato de mover-se por fronteiras não permite titubear. Para tal, é preciso preparo e ações precisas.

Paula, brasileira de 28 anos e que, também, se encontrava indocumentada em Londres durante a entrevista, explica que, no momento em que o agente migratório aparece, *“você deve apresentar o visto certo que o controle de fronteira quer ver...e falar o que eles querem ouvir”*. A escolha do visto ganha uma dramaticidade entre esses jovens. Histórias de vistos negados revelam, para eles, que a obtenção de um visto de trabalho ou de estudante é um desafio difícil. Como Cláudio frisa, eles devem provar um domínio mínimo do idioma inglês, cartas da escola, mais recursos financeiros consideráveis para o período de estadia. Do contrário, a migração britânica recusa a sua entrada. Por isso, a opção restante é viajar como um turista.

Turistas brasileiros não precisavam de vistos pré-aprovados para entrar na maioria dos países da União Européia; e, aqui, incluímos o Reino Unido. Ao chegar em um aeroporto, por exemplo, em Londres, brasileiros passam por um breve interrogatório pela migração e, se as respostas satisfizerem o oficial, um visto é emitido na hora. Esse visto tem validade de até 6 meses. Logo, esta categoria de visto não apenas é a mais prática e barata para entrar no país, como também esconde as intenções desses viajantes de viver e trabalhar no país durante um período que, segundo minhas observações, pode oscilar entre um e sete anos.

Todavia, viajar para o exterior como um turista não é uma simples questão de comprar os bilhetes aéreos e entrar no avião, como Bloc, Sigona e Zetter (2011), por exemplo, pontuam em seu estudo sobre a migração brasileira para o Reino Unido. Viajar como turista, conforme Claudio e Paula demonstram, demanda interação com fronteiras. Isso nos sugere que a relação entre migrante e o regime de fronteiras britânicas começa a ser travada logo no balcão de *check-in* em um dos dois aeroportos brasileiros internacionais, onde a jornada migratória começa<sup>6</sup>. *“Você entrega o bilhete no balcão e eles já veem que você vai pra Europa. Daí pedem o passaporte pra scannear. Pergunta se você sabe que o passaporte não tem visto...daí você já diz que é porque esta indo a passeio... que não vai ficar muito tempo”*, observa Regina, brasileira não documentada originária de Rio Paranaíba e que vivia há mais de 10 anos em Londres, durante a entrevista em 2013.

Apesar de todo o avanço tecnológico investido em passaportes, com o intuito de monitorar o deslocamento de viajantes a partir do primeiro aeroporto que eles adentram, meus interlocutores revelam ignorar esses mecanismos de controle fronteiriço. Inúmeras vezes, ao longo da pesquisa, perguntei para diversos deles se sabiam o que significava aquele pequeno símbolo (dos dados biométricos) em seus respectivos passaportes. A resposta, em todas as vezes, foi a mesma: *“Não”*. Em alguns casos, ela era complementada por: *“nem sabia que isso existia”*. Qualquer tentativa minha de explicar o mecanismo de controle por detrás desse símbolo resultava em desinteresse da outra parte.

Ao longo do trabalho de campo tive a chance, ainda, de compreender que o conhecimento desenvolvido por tais brasileiros para negociar com o sistema de fronteiras situados nos aeroportos era adquirido não apenas

através de amigos e familiares que já haviam feito a travessia. Agentes de viagem localizados nas pequenas cidades do Alto Paranaíba têm um papel chave. Segundo Denise, brasileira de 32 anos entrevistada em Londres, *“as agências de viagens sabem como colocar alguém em determinado país. Elas têm bons contatos e conhecimentos sobre a papelada. Você paga e elas fazem”*. Diante dessa constatação, o trabalho de campo conduzido no Alto Paranaíba, buscou entrevistar agentes de viagens especializados na travessia desses brasileiros. Três agentes de viagem – Rômulo, Clarice e Laerte – contribuíram para essa pesquisa.

Clarice explica que as agências de viagens no Alto Paranaíba estão ligadas à migração desde o seu início. *“Sempre foi diferente aqui. A maioria dos nossos clientes não eram pessoas interessadas apenas em viagens de curta duração. Eles queriam passar anos nos Estados Unidos ou na Europa...vivendo e experimentando o que não poderiam ter aqui”*. Clarice enfatiza que essas agências tendem a ser administradas por migrantes retornados, incluindo ela própria, que viveu nos Estados Unidos. *“Essa é uma prática comum aqui [Alto Paranaíba]...na verdade, em Minas Gerais como um todo. As agências de viagens pertencem a pessoas que estavam fora do Brasil e depois retornaram. [...] Depois de retornar, iniciamos esse negócio. Laerte foi uma das primeiras. Ele sabia viajar para o exterior e como passar pelo controle do passaporte”*. Ao longo de sua entrevista, Clarice pontua que os primeiros migrantes do Alto Paranaíba, agora retornados, viram uma *“ótima oportunidade”* neste negócio. *“Nós partimos na década de 1990 e não era tão fácil sair do Brasil. Era caro e este lugar [Alto Paranaíba] estava mais isolado do que hoje em dia”*<sup>7</sup>. No entanto, a imagem mudou drasticamente nos anos 2000, quando esse grupo começou a retornar<sup>8</sup>.

A pesquisa realizada em Londres revelou, também, que boa parte dos sujeitos entrevistados optaram por viajar com esses agenciadores, não só porque era mais cômodo lidar com uma agência de viagens de sua própria cidade, mas também por causa das habilidades que os próprios agentes apresentam. Claudio, por exemplo, lembra que Laerte é visto, em sua cidade, como o agente de viagens que mais conseguiu atravessar conterrâneos pelos controles de fronteira aeroportuária da Europa e dos Estados Unidos. Na sua opinião, a habilidade de Laerte não foi apenas devido ao fato de *“[...] ele ser o primeiro a abrir uma agência de viagens na minha cidade, mas porque sabia o que queríamos fazer muito bem e é uma pessoa fácil de lidar”*. De acordo com Cláudio, essa proximidade faz *“a vida da pessoa que vai enfrentar o desconhecido mais fácil”*. Além disso, ele diz que Laerte, assim como os outros três agentes entrevistados, *“é cara de nossa classe social e tem o bom senso para entender o que a pessoa que quer sair do Brasil está procurando”*. Assim, essas agências de viagens apresentam habilidades essenciais para criar pacotes turísticos capazes de facilitar a passagem desses brasileiros, enquanto turistas, pelos controles de migração nos aeroportos europeus<sup>9</sup>.

Eles compreendem as relações de poder que estão inseridas nos aeroportos e o significado disso para um migrante que tem que negociar sua mobilidade com controles de fronteira. De acordo com agentes de viagens, freqüentar aeroportos envolve certos comportamentos e linguagem corporal que mostra claramente se uma determinada pessoa está acostumada a esse espaço social<sup>10</sup>. Romulo enfatiza que *“é uma grande responsabilidade enviar essas pessoas para o exterior. Temos de explicar como funciona um aeroporto. [...] Eles não sabem como caminhar até lá e para onde ir. A maioria dos meus clientes não entende as placas exibidas nos terminais ou quando apresentar o passaporte”*.

São espaços não familiarizados. Assim, os agentes reconhecem que cada parte do aeroporto precisa ser descrita para seus clientes. Os terminais de bagagem e balcões de atendimento, áreas de partida e portões de segurança têm um papel substancial e uma influência específica no aeroporto. Seus clientes devem saber se mover e se portar nessas áreas. Qualquer erro ou atraso pode significar a recusa de permissão para embarque ou, até mesmo, a deportação ao desembarcar.

Portanto, Clarice diz que as agências de viagens preparam pacotes turísticos, da melhor forma possível, para que seus clientes passem com sucesso pelos controles de passaportes localizados em qualquer aeroporto internacional. O objetivo é criar um personagem turístico brasileiro, que está viajando de férias. *“Diga-me, quem, por conta própria, deixaria o Brasil sem falar uma única palavra de inglês, reservar um hotel ou ter pouca noção sobre o lugar onde acabavam de chegar? Esse é exatamente o tipo de viajante que os agentes da fronteira gostam de colocar de volta no avião”*, ela diz. Logo, é de responsabilidade do agente, também, reservar hotéis ou albergues para o tempo gasto como turista no exterior. Se o cliente quiser, eles também podem fornecer ingressos para atrações locais. Além disso, Clarice menciona que os agentes explicam minuciosamente a negociação com agentes de migração. *“As perguntas no controle das fronteiras [...] são normalmente as mesmas para os turistas brasileiros: quanto tempo você vai gastar, que lugar vai visitar e quanto dinheiro trouxe...”*

As bagagens também são cuidadosamente preparadas. *“Se você estiver viajando como turista, você deve levar roupas suficientes para o número de dias, conforme descrito em seu pacote turístico. Nada mais”*, afirma Clarice. Além disso, os cartões internacionais de crédito, dinheiro e seguro de saúde são, de acordo com ela, detalhes fundamentais que um migrante deve carregar no caso de os agentes da fronteira solicitarem mais detalhes na entrevista. *“Nós explicamos a importância de comprar um seguro de saúde básico, pois esses países [na UE ou Estados Unidos] exigem isso”*. Os agentes também apresentam a relevância de abrir uma conta bancária e obter um cartão de crédito internacional. Nas palavras de Laerte, *“essa é a maneira mais prática de receber dinheiro de parentes no Brasil, até que a pessoa encontre um emprego lá [na Inglaterra]. Também prova para o oficial [de fronteira] que o viajante tem acesso a uma conta bancária no Brasil. Bem... alguém está patrocinando esse passeio”*. Laerte diz que esta tática visa convencer o controle migratório de que o viajante tem dinheiro suficiente e não gerará ônus algum ao país que o recebe.



Segundo ele, as entrevistas nos controles do passaporte “são procedimentos que visam distinguir turistas e estudantes de migrantes. Assim, eu tento preencher qualquer lacuna que possa evidenciar quem são eles. Eu acho que na maioria das vezes ele funciona. Caso contrário, eu teria fechado minhas portas há muito tempo”. Os aeroportos e seus controles de passaportes são os principais obstáculos que essas pessoas de fronteira qualificadas são contratadas para superar<sup>11</sup>.

## **4 A fronteira dispersa no cotidiano**

Depois de passar pela entrevista no guichê de imigração, em algum aeroporto nos arredores de Londres, e obter a autorização para acessar o solo londrino, migrantes brasileiros começam um novo episódio e talvez o mais difícil de sua jornada migratória em Londres: negociar sua presença e mobilidade urbana com o controle de fronteiras produzido pelo Home Office<sup>12</sup>. Munidos, em geral, de um Visitor Visa<sup>13</sup>, brasileiros têm um tempo de estadia limitado a não mais de seis meses no Reino Unido. Após esse curto período, o Home Office os classifica como “migrantes ilegais” sujeitos a deportação. Longe de barreiras geográficas localizadas nas fronteiras territoriais, que servem para bloquear ou obstruir a passagem de viajantes suspeitos, a proliferação de fronteiras do Reino Unido invade e permeia as localidades cotidianas do espaço britânico, o que requer constante identificação por parte dos cidadãos (KUBAL, 2013, 2014; BLOCH et al, 2011; PAI, 2008; LUK, 2009). Em outras palavras, o regime de fronteiras britânicas estaria disperso “um pouco por toda parte, onde quer que o movimento de informações, pessoas e coisas esteja acontecendo e possa ser controlado - por exemplo, em cidades cosmopolitas” (BALIBAR, 2004, p.11, tradução minha).

A fim de evidenciar essa suposta invisibilidade das fronteiras britânicas internas, busco apresentar a experiência desses brasileiros. Segundo eles, é bastante difícil prever quando e como essas fronteiras operam. Todavia, como Gisele, migrante de 26 anos entrevistada em Londres, expõe, “é possível sentir esses controles quando estiver em Londres. Proibições, burocracia, deportação etc., etc., impedem nossas vidas nesta cidade.” Com base nisso, identifiquei neste estudo duas formas pelas quais o regime de fronteiras britânicas, enquanto fronteiras internas, são percebidas pelo grupo investigado: a burocracia britânica e os “Homens de Preto”.

### **4.1 A burocracia britânica**

Além de confinar temporalmente a presença desses brasileiros, o governo britânico também impõe severas restrições espaciais sobre eles. O acesso a vagas de emprego e serviços sociais oferecidos pelo Estado Britânico como,

por exemplo, postos de saúde ou médicos de família, são negados se esse migrante indocumentado não portar um passaporte da União Europeia (UE) ou algum tipo de visto que o autorize a trabalhar ou viver no país. Crianças não podem ser matriculadas nas escolas se os responsáveis não apresentarem toda documentação, inclusive o passaporte e certidão de nascimento. Também é negado aos “migrantes ilegais” locação de moradia. Atuando como fronteiras móveis, as severas restrições impostas pelas leis migratórias britânicas moldam de forma precária a vida desses migrantes já indocumentados e sujeitos à deportação.

Anderson observa que *“sem os papéis que a imigração pede, a gente fica enjaulado. O que você pode fazer?! Como você encontra um emprego para viver em Londres?”* Tal precariedade imposta por severo regulamento, segundo ele, *“transforma Londres em um pesadelo. Isso nos obriga a encontrar soluções alternativas”*.<sup>14</sup> Nas palavras de Gisele, *“a burocracia na Inglaterra barra a gente em qualquer movimento. É difícil alugar uma casa, abrir conta em banco, ter acesso ao médico ou aos impostos a mais que o trabalho tira da gente, mas não podemos reclamar.”*<sup>15</sup>

Mauro, 27 anos de idade, que durante a entrevista, em 2012, revelou ter vivido cinco anos como indocumentado em Londres, compartilha da mesma opinião. Ele lembra como a aplicação imposta pela lei britânica reduziu a capacidade de um migrante *“sem papéis”* morar em Londres. *“Para desfrutar de Londres e todas as atrações que esta cidade tem para oferecer, você precisa trabalhar. A vida lá é bastante cara... a comida nem tanto, mas a acomodação e os transportes públicos são caros. Então... depois de algumas semanas todos têm que encontrar um emprego, caso contrário o sonho de viver em Londres acaba. Mas é essa a questão. Encontrar um emprego não é fácil, e dia a dia está piorando. Você precisa de documentos, caso contrário você não é contratado. Há muita burocracia para trabalhar em Londres... Eu acho que não somos bem-vindos naquele país”*.

Para Mauro, Londres é uma cidade com muitas oportunidades de trabalho, mas *“sem papéis reais”* a vida se torna insuportável. *“Há muitos trabalhos bons lá, cara. Mas você deve ser legal. Sem papéis é difícil. Você vai trabalhar para nada ...”*

Laerte lembra que o cenário foi muito diferente na década de 1990, período em que viveu na cidade. Ele diz que a vida em Londres não era tão assustadora. A vigilância era muito menos rigorosa. *“1995 não era como em 2012, 2010 ou 2008. O país [Reino Unido] estava mais tranquilo. Precisavam de trabalhador. Não é como hoje. Naquela época, não havia necessidade disso [documentos falsos]”*. Ele menciona que os bancos, por exemplo, não exigiam documentos ou comprovante de endereço para abrir uma conta bancária. *“Você ia lá e pronto. Saia com a conta no banco. Não tinha muita rigorosidade. Acho que lá [em Londres] a palavra tem um valor diferente.”* No entanto, as regras mudaram drasticamente desde 1997, quando o governo britânico, através do Home Office,

passou a aplicar severas multas em empresas ou lojas que empregam migrantes indocumentados. O valor da multa, atualmente, pode chegar a £20.000 por cada trabalhador indocumentado encontrado, de acordo com a lei britânica (HOME OFFICE, 2018). Apesar dessa severa punição imposta pelo governo britânico àqueles que arriscam contratar trabalhadores sem autorização, o que presenciamos, são determinados setores da economia britânica abastecidas por essa barata e precária mão-de-obra. Destaco, em particular, o setor de limpeza e hotelaria. Além de pagar salários inferiores ao mínimo exigido pelo governo, muitos empregadores também se isentam de pagar horas extras por turnos noturnos e finais de semana, além de auxílio doença e férias integrais (BLOCH; SIGONA; ZETTER, 2009; MARTINS; DIAS, 2013; DIAS, 2017).

Ao longo da pesquisa, percebi que as conversas ou entrevistas tendiam a se transformar em queixas, não apenas sobre as restrições impostas à procura de emprego ou sobre as precárias condições de trabalho, mas também relacionadas ao tratamento médico ou ao acesso à medicação em caso de doença. Durante o inverno de Londres de 2012, realizei entrevistas com esses jovens brasileiros. Era comum encontrar alguns desses migrantes na cama. Adriano, por exemplo, sofria de asma e, no inverno, sua saúde tendia a deteriorar-se. Sem receita médica para obter um inalador, ele tornou-se dependente de qualquer potencial recém-chegado que pudesse trazer esse medicamento do Brasil. Ele me explicou que sua mãe *“sempre está em contato com agentes de viagens. No caso de alguém vir a Londres, o agente de viagens diz a ela e depois ela me manda a medicação”*. Adriano diz que as restrições à medicação e ao acesso aos postos de saúde o obrigam a manter a medicação armazenada em seu quarto. *“Caso contrário, eu não tenho medicação. Dai tô ferrado...”*

Devido ao fato de que o sistema de saúde britânico (NHS) exige documentos pessoais e comprovante de endereço de seus pacientes para que sejam registrados e atendidos, esses jovens brasileiros, que possuem passaportes com vistos de visitante e sem qualquer prova documental em Londres, são automaticamente excluídos. Mais uma vez, as regras legais impostas pela lei britânica conseguiram impor fronteiras burocráticas a esses migrantes, que não têm outra opção senão depender da ajuda de outros brasileiros que venham do Brasil. No entanto, as limitações impostas pelo *status* migratório não se limita apenas à falta de papéis. A presença de funcionários de imigração nas ruas de Londres é apontada pelos participantes como um risco real. Como a seção a seguir revela, as fronteiras internas também significam o risco de deportação para esses brasileiros.

## 4.2 Homens de Preto

O termo “Homens de Preto” é utilizado por meus entrevistados, bem como por outros brasileiros indocumentados com quem conversei durante o trabalho de campo, para se referirem aos agentes migratórios do Home Office<sup>16</sup> que

monitoram as ruas londrinas através de *blitzes* em pontos de ônibus, estações de metrô e locais de empregos que recebem denúncia anônima. Caminhar pelas ruas londrinas diariamente, portanto, demanda cuidado e atenção por parte desses migrantes. Qualquer descuido pode resultar em deportação. Segundo Laerte, o controle migratório produzido por *blitz* faz com que “*você não saiba quando e onde pode ser pego. Isso pode acontecer a qualquer instante. Sabe? Posso virar a esquina e ser pego*”.

Tal experiência foi relatada por Rogério, brasileiro que viveu em Londres entre 2004 e 2007. Após três anos na capital britânica, ele foi pego e deportado pela migração britânica. “*Eu tava voltando do trabalho... era por volta das 3 da tarde no sábado, quando fui pego na porta da estação de Willesden Junction [estação de metrô situada no noroeste de Londres]...isso, na saída. Eram policiais locais que me pararam e fizeram umas perguntas e viram que eu estava ilegal no país.*” Conforme prossegue a narrativa sobre a sua detenção, Rogério demonstra como o regime de fronteiras britânico é interligado. Segundo ele, a informação de sua chegada, em 2004, no aeroporto de Luton foi rapidamente acessada pelos os oficiais. “*Eles me perguntaram da onde que eu era. Eu falei que era espanhol*<sup>17</sup>. *Foi quando eles perguntaram meu nome, eu dei meu nome completo e eles checaram por rádio e viram que eu estava ilegal no país... sabiam até quando eu tinha entrado aqui! Sabiam dos problemas que eu tive aqui.*”

Após isso, Rogério diz que foi encaminhado “*para a polícia... fui algemado. Me colocaram numa cela. Depois de umas três horas chegou o agente da imigração, me fez umas perguntas.*” Após um rápido questionário, “[...] *eles me fizeram uma pergunta: se eu queria um advogado ou assinar um papel, um termo que em 72 horas eu seria mandado embora.*” Segundo ele, “*se não fosse embora dentro de 72 horas, eles me soltavam na rua, de novo, e eu ia ter que voltar lá toda a semana e assinar um papel até o dia que eles achassem um voo para mim...*”

A decisão de retornar rapidamente para o Brasil veio da experiência de deportação vivida por um amigo seis meses antes. Rogério explica que seu amigo havia optado por um advogado. O resultado foi pior do que o esperado. “*Além do advogado não ter resolvido a permanência dele aqui, levaram ele pra uma prisão. Era uma fazenda... onde tinha um monte de gente presa e ele ficou aqui por 60 dias. Até que foi mandado embora. No final, foi mandado embora do mesmo jeito, mas ele ficou 60 dias e eu 72 horas. Esse aí foi o que mais pesou para eu não pedir advogado....*”.

O migrante a ser deportado é rigorosamente acompanhado até o avião. Rogério lembra que voltou ao Brasil apenas com a roupa do corpo. A migração não o deu o direito de recolher seus pertences. “*Você volta sem nada. Sem dinheiro, só com a roupa do corpo. Ficou tudo, tudo, tudo. Se você estiver sozinho, você perde tudo. Eu tinha parentes, eles cuidaram do que ficou...*” Ele explica, ainda, que foi algemado da delegacia até a sala de espera do aeroporto. “*Ali eles tiram a algema e você fica solto com todo mundo e na hora, um pouco*

*antes do embarque eles te levam, ai você não está algemado, e você é o primeiro a entrar no avião.” Por todo mundo, Rogério se refere aos outros deportados que também aguardam pelos voos que os levarão para seus respectivos países de origem. “[...] na sala que eu estava tinha umas 50 pessoas. Gente de tudo que é canto do mundo... No meu voo tinha uns três brasileiros, uma venezuelana e um colombiano. Tudo no mesmo voo, eles fizeram uma escala no Brasil e foram para o país deles.”*

Da mesma forma que os oficiais da agência da fronteira do Reino Unido podem abordar cidadãos e solicitar uma prova de identidade, quando houver motivos para assumir que a pessoa em questão é estrangeira, eles também estão autorizados a entrar, sem o consentimento do ocupante, em domicílios. Caso haja uma suspeita razoável denunciando que algum morador não é autorizado “legalmente” a residir no país. Agnieszka Kubal (2013) observa que esse poder aos oficiais de imigração –similar aos poderes da polícia na investigação do crime e a apreensão de suspeitos – foi dado pelo “British Immigration and Asylum Act 1999”. Tal prática impõe uma imediata contra-resposta, por parte de meus interlocutores. Gisele comenta que “*se o Home Office pegar um da casa, você tem que mudar rapidinho para outra casa*”. Depois de interrogar o migrante, os oficiais descobrem o endereço residencial e vão lá para verificar se há mais migrantes sem *status* legal de migração. Gisele lembra uma das vezes que os oficiais de imigração de repente arrombaram sua porta no início da manhã: “*Sabe, eles [Home Office] vêm e batem na porta, porque estão procurando por alguém. Se não abrir, eles entram! Então, temos que sair rapidamente [da casa] se não quisermos deixar o país. Eu tenho lutado muito com esse tipo de pressão. É muito traumático ...quando eu estava grávida do meu único filho; Eles [agentes do Ministério do Interior] vieram para minha casa. Tivemos que deixar a casa vestindo pijamas no início da manhã... foi bastante traumático*” .

Em casos como esse, a casa “*é queimada*” como Adriano descreve. Em outras palavras, uma vez que alguém é pego, a melhor opção é mudar rapidamente para um lugar “*limpo*”. De acordo com Gisele, é apenas uma questão de tempo antes que os agentes de imigração cheguem à porta.

## **5 O que a mobilidade produzida por migrantes revelam?**

Até aqui, esse artigo buscou apresentar como brasileiros indocumentados identificam fronteiras. Tal posição assumida nesse artigo ambiciona questionar o pressuposto defendido pela academia de que fronteiras são relações de força obscuras e invisíveis. Logo, são difíceis de serem detectadas. O enfoque na leitura que os próprios brasileiros, enquanto migrantes, produzem acerca da presença do regime de fronteiras britânicas em seu cotidiano nos oferece a oportunidade de entender, com maior precisão, seu *modus operandi*. Eles revelam a relação obscura entre as ditas fronteiras externas e internas, onde elas se encontram e

como elas detectam e removem migrantes indocumentados do tecido urbano londrino. Levando isso em consideração, este artigo buscou trazer contribuições empíricas e reflexivas para os estudos migratórios de fronteira.

Ao acompanharmos a jornada migratória de jovens brasileiros do Alto Paranaíba para Londres, podemos compreender que o regime de fronteiras britânicas inicia seu controle logo em um dos dois aeroportos brasileiros internacionais, que operacionam voos para a capital britânica. É nos revelado que aeroportos não podem ser entendidos apenas enquanto “espaços de intensa circulação internacional”, “não-lugares”, “espaços de fluxos” e, portanto, espaços fugazes (AUGE, 1995; URRY, 2003; CASTELLS, 2002). Tal perspectiva produz uma interpretação demasiada abstrata. O que favorece com que a mobilidade migratória seja, equivocadamente, entendida através de metáforas hidráulicas como, por exemplo, “onda” ou “fluxos”. Aeroportos são espaços fronteiriços; demandam negociação. Sobretudo após o 11 de setembro de 2001, quando presenciamos a imposição de sistemas de dados biométricos pela ICAO nos aeroportos internacionais. Através de tecnologia bélica, e-passaportes auxiliam governos a regular, filtrar e mapear a mobilidade de seus usuários. Esses brasileiros que acompanhamos, de forma breve, sua jornada migratória, também, nos demonstram que o enrijecimento político não se trata de uma medida comum e cabível para todo e qualquer tipo de viajante que se empenhe em cruzar alguma fronteira territorial. Mais do que isso, o tratamento dispensado em tais espaços fronteiriços se difere de acordo com o perfil do viajante.

Turistas são vistos como pessoas móveis desejáveis, pois são viajantes temporários que visitam locais e, enquanto consumidores temporários, promovem a circulação de dinheiro e bens materiais e, por assim ser, geram benefícios econômicos para o local visitado (URRY, 1995, 2000; SALAZAR; SMART, 2011). Migrantes, por outro lado, estariam engendrados na categoria de grupo de risco e, portanto, são considerados indesejáveis. Em geral a mobilidade migratória é retratada como um movimento transgressivo, pois o tempo de estadia, as condições econômicas dos migrantes e suas motivações para entrar no território são questões que criam incertezas e inseguranças territoriais (DIAS, 2017b).

Aeroportos trabalham de forma previsível e imprevisível. Ao aterrizar no Reino Unido, uma série de placas posicionadas estrategicamente guia viajantes através de diferentes dispositivos de vigilância em todo o aeroporto. Enquanto *SmartGates* munidos com *scanner* e câmeras conferem os passaportes biométricos através de leitura da íris e, assim, aceleram a fila europeia, aqueles guiados para a fila “Todos os outros passaportes” são submetidos a entrevistas imprevisíveis conduzidas por um oficial de fronteira. As entrevistas apresentam um aspecto confessional; interrogam, repetem perguntas de forma mais severas, evitam olhar ou encaram o entrevistado em busca de algum lapso, que revele o real propósito da viagem (DIAS, 2015; 2016). Enquanto isso, *scanners* de bagagem em 3D, detectores de metal e uma equipe de cães farejadores

examinam cuidadosamente as bagagens. A intenção é detectar todo e qualquer viajante que possa colocar a sociedade receptora em risco, seja ele terrorista ou um “migrante econômico”. A jornada migratória desses brasileiros, no entanto, demonstra que o processo de lidar com fronteiras não cessa para após atravessar os controles das fronteiras aeroportuárias.

Embora estudiosos observem que as fronteiras internas são desfocadas e imprevisíveis, brasileiros em Londres nos demonstram que, ainda assim, é possível senti-las e identificá-las. Por um lado, o regime de fronteiras britânicas, bem como suas ações imprevisíveis, são identificados por eles através da “burocracia britânica”, que afeta o acesso aos serviços públicos, postos de trabalho ou aluguel de alojamento. Por outro lado, tal regime é, ainda, sentido através das ações repreensivas praticadas pelos “Homens de Preto”. Esses são agentes migratórios, que patrulham as ruas da cidade e têm poder para invadir residências. Como Rogério e Denise sugerem, a colisão pode ocorrer a qualquer instante. Portanto, mais do que enfrentar através de algum disfarce (como no caso do disfarce de turista para superar as fronteiras aeroportuárias), brasileiros buscam evitar o confronto. Buscam o que Hsiao-Hung Pai (2008) define como “invisibilidade”. Escolhem horários e tipos de condução para navegar pela cidade; buscam trechos menos monitorados para o caminhar.

Outro elemento que a trajetória migratória desses jovens sugere é o limite existentes entre as ditas fronteiras externas e fronteiras internas. Rogério demonstra que a sua apreensão seguida de deportação foi possível através de informações – guardadas em seu e-passaporte – produzidas por aeroportos e, anos mais tarde, obtidas pelos policiais britânicos. Fronteiras contemporâneas são móveis. Tal deportação vivida por esse jovem demonstra a capacidade que o regime de fronteiras britânicas tem de extravasar fronteiras geográficas e invadir o tecido urbano de Londres. Como bem demonstram meus interlocutores, nesse espaço, esse regime – agora entendido como interno – molda a vida cotidiana de cidadãos indocumentados. Isso nos possibilita questionar se há, de fato, uma diferenciação entre fronteiras externas e internas, ou se o regime de fronteiras tem a capacidade de expandir e operacionalizar sua atuação de controle para além dessa classificação binária.

Por fim, gostaria de ressaltar outro fato para o qual esses brasileiros nos chamam a atenção: a capacidade de negociação de que esses atores sociais são dotados. Apesar de estarmos vivendo uma multiplicação de fronteiras no mundo contemporâneo, como atesta Sandro Mezzadra e Brett Neilson (2008, 2013), migrantes, ainda sim, são sujeitos empoderados. São atores sociais capazes de negociar sua mobilidade migratória, bem como sua existência em meio à presença dessas fronteiras, as quais permeiam os seus cotidianos.

Assim, como esse artigo demonstra, regimes de fronteiras buscam evocar o fetiche da transgressão através de políticas migratórias – materializadas por meio de *blitzes* e deportação – capazes de promover uma espetacularização do outro enquanto um infrator que caminha pelas amorfas zonas de fronteira.

Contudo, é preciso compreender esse outro para além do que o Estado ou o cenário acadêmico revela. Nesse tenso diálogo entre fronteiras e migrantes, esses detêm a sutil arte de manipular fronteiras e mover-se através delas, embora sejam constantemente melhoradas com o intuito de detectar e remover migrantes.

De tal modo, a arte de manipular, para a qual os agentes de viagem nos chamam a atenção, vem da própria experiência migratória. O ato de avançar pelas fronteiras, recuar, ter que reavaliar alternativas, aguardar ou seguir é uma habilidade construída na prática, no dia a dia. Ademais, esses saberes tem a capacidade de circular entre migrantes e serem constantemente atualizados por aqueles que os colocam também em prática (DIAS, 2016). Migrantes são, portanto, atores sociais dotados de habilidades (enquanto conhecimento adquirido sobre o mundo e como operar com ele) capazes de domesticar a fronteira.

Desta forma, tal constatação vai ao encontro de estudos que não reconhecem “fronteiras” enquanto territórios impenetráveis (PAPADOPOULOS; STEPHENSON; TSIANOS, 2008; BIAO, 2005; PERERA, 2009; e KHOSRAVI, 2010). Assim, através da jornada migratória produzida por esses brasileiros, podemos concluir que fronteiras, enquanto espaços de negociação, apresentam porosidades, as quais permitem que a mobilidade seja produzida. Por porosidades, refiro-me a fronteiras vagamente patrulhadas, como, por exemplo, conexões domésticas de voos entre a área Schengen e o espaço aéreo do Reino Unido ou empregadores que aceitam documentação falsa no ato de contratação. Estas são lacunas que dão aos migrantes a chance de negociar face a face a sua existência. Uma negociação que foge do rígido controle do regime de fronteiras britânicas.



## Notas

<sup>1</sup> Robson, assim como meus outros interlocutores, que aparecerão ao longo desse artigo, é originário do Alto Paranaíba.

<sup>2</sup> Ministério do Interior do Governo do Reino Unido. Órgão responsável por questões referentes à migração e segurança nacional.

<sup>3</sup> Apesar de nunca ter estado nos Estados Unidos, ele conhecia bem a realidade migratória nesse país através de familiares e amigos que lá se encontram.

<sup>4</sup> Por medida de proteção, todos os nomes dos participantes nesse estudo são fictícios.

<sup>5</sup> O termo ilegal, nesse artigo, aparecerá sempre entre aspas. Tal terminologia é utilizada pelo Home Office para se referir aos migrantes que não possuem vistos para permanecer no Reino Unido. Eu me refiro a esse grupo como migrantes indocumentados e, em todas as vezes, sem aspas. Assim como a linha editorial da revista *Travessia*, eu compartilho do princípio de que nenhum ser humano é ilegal.

<sup>6</sup> Desde 2006, o governo brasileiro, através da polícia federal, passou a emitir passaportes biométricos com o intuito de cumprir as normas exigidas pelo documento 9303 da Internacional Civil Aviation Organization (ICAO). Isso significa que a identificação pessoal do titular - impressões digitais, assinatura e fotografia - é armazenada digitalmente em uma pequena etiqueta RFID, no passaporte. Tal procedimento permite a identificação imediata dos dados ali armazenados em qualquer aeroporto internacional que, também, atenda as normas da ICAO. Essa postura adotada pelo governo brasileiro tem consequência direta com as medidas impostas pelo governo dos EUA após os atentados do 11 de setembro (DIAS, 2015; 2016).

<sup>7</sup> Algumas das principais cidades do estado de Minas Gerais, como Uberlândia e Governador Valadares, por exemplo, com indústrias de migração estabelecidas e redes internacionais de migração, foram onde essa prática de apropriação de rotas turísticas começou a ser amplamente explorada, a partir da década de 1990. Maxine Margolis (1994), por exemplo, observou que viajar como turista era uma prática comum para os brasileiros que queriam migrar para Nova York, quando as viagens internacionais eram limitadas a classes sociais altas. No entanto, de acordo com estudos mais recentes, com a maior disponibilidade de passagens aéreas e viagens internacionais entre brasileiros, o papel desempenhado pelas agências de viagens se expandiu consideravelmente (FAZITO; RIOS-NETO, 2008; DIAS, 2015). Esses trabalhos demonstram que muitos outros serviços, além dos pacotes turísticos, foram incluídos. Entre eles, destaco a produção de documentos falsos, recebimento de remessas de dinheiro e até mesmo o estabelecimento de conexões com coiotes (SOARES, 2002; TOGNI, 2012; DIAS, 2016).

<sup>8</sup> Aqui, eu me refiro às transformações políticas e sociais vividas pela sociedade brasileira a partir do início dos anos 2000, quando setores da classe popular passaram a ter acesso a bens e serviços que, até então, eram restritos a classe média e alta. Dentre elas, destaco a popularização de passagens aéreas internacionais e pacotes turísticos. Para maiores informações, consultar Yaccoub (2011), Borges (2013) e Dias (2016).

<sup>9</sup> Com o intuito de compreender a aptidão dos agentes de viagem em identificar o controle de fronteiras aeroportuário, busquei distinguir, ao longo da pesquisa de campo, dois tipos de habilidades: *habilidade técnica* e *habilidade prática*. A *habilidade técnica* resulta do conhecimento adquirido através do próprio trabalho enquanto agente de viagem. É o

saber-fazer constituído pelo conhecimento das leis migratórias, tipos de vistos, emissão de passaportes e bilhetes de avião, que sua profissão exige. Já a *habilidade prática*, por outro lado, seria produzida através das próprias experiências migratórias. E, aqui, incluo a vivência enquanto migrante não-documentado, que esses agentes, agora retornados, tiveram durante suas respectivas jornadas migratórias para o Norte Global (DIAS, 2016).

<sup>10</sup> Diante do forte controle migratório presente no aeroporto *Heathrow*, único aeroporto que recebe vôo direto do Brasil, agentes de viagem optam por projetar viagens que passem por algum país dentro do Espaço Schengen antes de aterrissar na Inglaterra. Tal tática possibilita com que o viajante acesse a Inglaterra através de um vôo europeu doméstico, onde conta com a menor presença de passageiros não oriundos da União Europeia (UE). Filas menores facilitam a travessia pelo controle migratório. Algo adverso do que ocorre no aeroporto *Heathrow*, que recebe vôos de diversas partes do mundo. Dessa forma, identificados pelo grupo como *Aeropostos Pequenos* – dado ao menor fluxo de circulação de pessoas, em relação ao *Heathrow* – os aeroportos de *Luton*, *Gatwick*, *Stansted* são utilizados na travessia aérea. Para maiores informações sobre a produção dessas travessias, consultar: Dias (2015, 2016). Cabe mencionar que, assim como o caso apontado sobre o símbolo biométrico no passaporte, agentes de viagens e seus clientes não demonstravam conhecimento sobre o Espaço Schengen e nem interesse em saber.

<sup>11</sup> Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conhecer brasileiros que tiveram sua travessia interrompida em aeroportos localizados na Espanha e na própria Inglaterra. Segundo esses interlocutores, as respostas apresentadas durante suas entrevistas não atenderam a exigência dos agentes migratórios. O resultado foi a deportação automática. Isso nos demonstra que, apesar de todo o conhecimento e preparo depositado por agentes de viagens, o ato de negociar a travessia cabe exclusivamente ao migrante. Nesse momento, ele detém o poder de ação.

<sup>12</sup> Home Office é o Ministério do Interior do Governo do Reino Unido e é responsável por questões referente à migração e segurança nacional.

<sup>13</sup> Visto temporário emitido para turistas.

<sup>14</sup> Dentre elas destacamos a compra de documentos falsos. Conforme uma literatura específica revela, há uma ampla indústria migratória voltada para a produção e venda de documentos falsos para brasileiros no Reino Unido (BLOCH; SIGONA; ZETTER, 2009; MARTINS JR., 2012; MARTINS JR.; DIAS, 2013; DIAS, 2016; MARTINS JR., 2017).

<sup>15</sup> Ver Dias (2017a).

<sup>16</sup> O termo vem de um filme de ficção científica de Hollywood, onde agentes, da agência ultra-secreta - *MIB - Homens de Preto*, uma divisão do governo estadunidense, seriam responsáveis por monitorarem as atividades alienígenas na Terra. Shahram Khosravi (2010) em seu estudo autobiográfico, baseado na sua experiência migratória produzida entre o Iran e a Suécia, revela que entre iranianos indocumentados esse termo também aparece para classificar os agentes migratórios nas ruas de Estocolmo.

<sup>17</sup> Conforme mencionado na nota de rodapé 11, após terem seus respectivos vistos de turista vencidos, meus interlocutores tendem a utilizar documentação falsa. Cidades portuguesas, espanholas e italianas são, em geral, as mais procuradas. Minha interpretação para esse fenômeno é de que tais cidadanias estão diretamente atreladas a presença dessas nacionalidades europeias na formação social do Brasil, aliado a isso, o fato dessas três nações fazerem parte da UE.

## Referências

- ADEY, P. Facing airport security: affect, biopolitics, and the preemptive securitisation of the mobile body. London: Environment and Planning D: **Society and Space**. vol. 27, nº1, p. 274- 295, 2009.
- AUGE, M. **Non-places**: introduction to an anthropology of supermodernity. London: Verso Press, 1995.
- BALIBAR, É. **Politics and the other scene**. London: Verso Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. **We, the people of Europe?** Reflections on transnational citizenship. New Jersey: Princeton University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. Rights, differences, exclusions. **Palestra na Universidade de Pittsburgh**. Pittsburgh: Universidade de Pittsburgh, 2010. Disponível em <<http://www.humcenter.pitt.edu/events/balibarvideo.php>> Acesso em: 29 ago. 2012.
- BLOCH, A; SIGONA, N.; ZETTER, R. **'No right to dream' the social and economic lives of young undocumented migrants in Britain**. London: Paul Hamlyn Foundation, 2009.
- BORGES, L.C.B. **A nova classe média Brasileira e o turismo**: uma abordagem econômica. 108f. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado [Turismo]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2013.
- BIAO, X. **Transcending boundaries. Zhejiangcun: The story of a migrant village in Beijing**. Leiden-Boston: Brill, 2005.
- CASTELLS, M. The rise of the network society, the information age. **Economy, society and culture, Oxford**, vol.I, 2002.
- DE GENOVA, N. The legal production of Mexican/migrant 'illegality'. **Latino Studies**, Basingstoke, vol.2, nº2,p. 160-185. , 2004.
- \_\_\_\_\_. Spectacles of migrant 'illegality': the scene of exclusion, the obscene of inclusion. **Ethnic and Racial Studies**, Surrey, vol.36, nº7, p. 1180-1198, 2013.
- DIAS, G. Tactics of border crossing movement: exploring the mobility of Brazilians through the Schengen and UK airspace. **Revista Ambivalências**, Sergipe, vol. 3, nº 5, p.183-215, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Brazilian migration into London**: mobility and contemporary borders. 269f. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Sociologia – Goldsmiths College, University of London, 2016.
- \_\_\_\_\_. Dealing with the UK inner borders: an ethnography of Brazilians and their temporary dwellings in London. **MEDIAÇÕES - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, vol. 22, nº1, p. 156-182, 2017.
- \_\_\_\_\_. Táticas de Mobilidade fronteiriça. In: CAVALCANTI, L.; BOTEGA, T.; TONHATI, T.; ARAÚJO, D. (orgs.) **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB, p.665-670, 2017.

- FAZITO, D.; RIOS-NETO, E. Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. *Revista Brasileira de estudos populacionais*, Rio de Janeiro, 25(2), 305-323, 2008.
- GARELLI, G. *Migrants' struggles, practices of citizenship, and techniques of bordering*. Palestra em Goldsmiths College, Universidade de Londres. United Kingdom: Universidade de Londres, 2012.
- HOME OFFICE, 2018. **Penalties for employing illegal workers**. Visas and Migration. Disponível em: < <https://www.gov.uk/penalties-for-employing-illegal-workers>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- INTERNATIONAL CIVIL AVIATION ORGANIZATION, 2012. **Document 9303, 2012**. Disponível em: < <http://www.icao.int/Security/mrtd/Downloads/Forms/AllItems.aspx?RootFolder=/Security/mrtd/Downloads/Doc%209303/Doc%209303%20English>>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- KHOSRAVI, S. **The 'illegal' traveller: an auto-ethnography of borders**. London: Palgrave Macmillan, 2010.
- KNOWLES, C. **Nas trilhas de um chinelo: Uma jornada pelas vias secundárias da globalização**. São Paulo: Annablume, 2017.
- KUBAL, A. Within and beyond citizenship – Migrants trapped in legal ambiguity? **THEMIS international migration conference**. UK: Oxford University, 2013.
- \_\_\_\_\_. Struggles against subjection: implications of criminalization of migration for migrants' everyday lives in Europe. **Crime, Law and Social Change**, vol. 62, nº 2, p. 91-111, 2014.
- LUK, W. Chinese ethnic settlements in Britain: spatial meanings of an orderly distribution, 1981-2001. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, vol. 35, nº 4, p. 575-599, 2009.
- MAGUIRE, M; FROIS, C; ZURAWSKI, N. (orgs.). **The Anthropology of Security: Perspectives from the Frontline of Policing, Counter-terrorism and Border Control**. London: Pluto Press, 2014.
- MARGOLIS, M. **Little Brazil: An ethnography of Brazilian immigrants in New York City**. Princeton: University Press, 1994.
- MARTINS JR, A. **De cleaner a waiter: trajetórias de trabalhadores brasileiros em Londres**. 180f. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado [Sociologia]. São Carlos: Federal Universidade de São Carlos, 2012.
- \_\_\_\_\_. ;DIAS, G. Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. **Análise Social**, Lisboa, v. 209, n.33, p. 810-832, 2013.
- MARTINS JR., A. **The production and negotiation of difference in a world on the move: Brazilian migration to London**. 280f. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Sociologia –Goldsmiths College, University of London, 2017.
- MEZZADRA, S. Border as method: bordering practices and struggles of mobility in a globalizing world, 2011. **Palestra na Universidade de Duke**. Disponível em: <http://ondemand.duke.edu/video/24266/sandro-mezzadra-border-as-meth>. Acesso em 30 de abril de 2015.

- \_\_\_\_\_. ; NEILSON, B. *Border as method, or, the multiplication of labor*, 2008. **Palestra na Universidade de Duke** Disponível em: < <http://eipcp.net/transversal/0608/mezzadraneilson/en>>. Acesso em: 18 de abr. 2012.
- MEZZADRA, S. **Border as method, or, the multiplication of labor**. Durham: Duke University Press, 2013.
- PAPADOPOULOS, D., STEPHENSON, N. e TSIANOS, V. **Escape routes: control and subversion in the 21st century**. London: Pluto Press, 2008.
- PAI, H. **Chinese whispers: the true story behind Britain's hidden army of labour**. London: Penguin Press, 2008.
- PERERA, S. **Australia and the insular imagination: beaches, borders, boats, and bodies**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- RIOSMENA, F.; MASSEY, D. Pathways to El Norte: Origins, destinations, and characteristics of Mexican migrants to the United States. **International Migration Review**, vol.46, n° 1, p. 3-36, 2012.
- SALAZAR, N.; SMART, A. Anthropological takes on (im)mobility: Introduction. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, 18, p.1-8, 2011.
- SCHROOTEN, M; SALAZAR, N.; DIAS, G. Living in mobility: trajectories of Brazilians in Belgium and the UK. London: **Journal of Ethnic and Migration Studies**. vol. 42, n.7, p.1199-1215, 2015.
- SOARES, W. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 360f. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Demografia – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- TAZZIOLI, M. **The desultory politics of mobility and the humanitarian-military border in the Mediterranean**. *Mare Nostrum beyond the sea*, 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7525031/Mare\\_Nostrum\\_beyond\\_the\\_sea](https://www.academia.edu/7525031/Mare_Nostrum_beyond_the_sea)>. Acesso em: 9 de mai. 2015.
- TOGNI, P. C. “Melhorar de vida ou Aproveitar a vida? Jovens brasileiros migrantes numa periferia de Lisboa (Portugal)”. Apresentação *no 2º Seminário sobre imigração brasileira na Europa*, ISCTE-IUL. Portugal: Universidade de Lisboa, 2012.
- URRY, J. **Consuming places**. London: Routledge, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century**. London: Routledge, 2000.
- VERSTRAETE, G. **Tracking Europe: mobility, diaspora, and the politics of location**. Durham: Duke University Press, 2010.
- VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, Surrey, vol.30, n° 6, p.1024–1054, 2007.
- VILA, P. **Crossing borders, reinforcing borders: social categories, metaphors, and narratives identities on the U.S.– Mexico frontier**. Austin: University of Texas Press, 2000.
- YACCOUB, H. A chamada ‘nova classe média’: cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes antropológicos**, vol.17, n°36, p.197-231, 2011.

## RESUMO

Esse artigo explora como brasileiros são capazes de identificar o *modus operandi* do regime de fronteiras britânicas. Objetivo contribuir para o campo dos estudos migratórios e de fronteiras, através de uma perspectiva que supere leituras e interpretações essencialmente focadas em políticas e leis migratórias. Diante do fato de que vivemos um processo de proliferação de fronteiras, questiono: qual o limite de compreensão que temos de tal fenômeno social sem a interpretação daqueles que vivenciam diariamente tais sistemas de controle? Migrantes, nesse estudo, são vislumbrados como empoderados atores sociais. Sua mobilidade nos auxilia a compreender como regimes de fronteira operam e onde estão localizados. Através de tal proposta de leitura, exploro a migração, produzida por brasileiros, enquanto uma mobilidade munida de habilidades práticas, essenciais para poder detectar as porosidades existentes nos regimes de fronteiras britânicas.

**Palavras-chave:** Brasileiros. Fronteiras. Inglaterra

## ABSTRACT

This article explores how Brazilians identify the *modus operandi* of the UK border regimes. It contributes to migration and border studies by moving beyond a perspective focused exclusively on migration policies. I question to what degree the fact that borders have proliferated and discriminately filtered migrants can be understood without empirical data focused on the daily actions of these mobile people. Indeed migrants deal with and struggle against border regimes, but they are not powerless social actors. I argue that migrants are important social actors and a key to understanding how border regimes work and where they are located. In this process, I explore migration as a process of skilled manoeuvres developed through practical knowledge and life experiences by Brazilians in order to journey through the UK border regimes.

**Keywords:** Brazilians. Borders. England